



ROCK UM DEVIR FILOSOFIA: A COMPOSIÇÃO PARA UMA EXPERIÊNCIA DO PENSAMENTO

Rock a becoming philosophy: the composition for a thought experience

Marcos Ribeiro de Santana

Doutorando no programa de Educação da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)
sob a orientação do Prof. Dr. Silvio Gallo.

mrsantana01@hotmail.com

Resumo: O presente artigo consiste na possibilidade de pensar o exercício do ensino de filosofia, como uma experimentação filosófica, enquanto uma atividade que perpassa a própria vida, na construção da existência e no modo de intervir nas questões sociais. Uma possibilidade de ensino de filosofia elaborada dentro de uma dimensão *transversal*, estabelecendo uma relação de *conexão* entre *filosofia* e *música*. Duas atividades que se completam e se potencializam para ativar a produção de novos pensamentos. Abordagem que transitará pela construção filosófica de Deleuze e Guattari, que constitui a filosofia como a arte de criar conceitos, provocados a partir do enfrentamento dos problemas. Perspectiva filosófica em conexão com a música, especificamente o rock'n'roll, na busca de ressoar toda a potência de tocar nas questões sociais e existenciais, que esse gênero musical é capaz. Visto que, o rock tem a capacidade de compor um estilo próprio de vida, mantendo uma atitude *crítica* e *criativa* frente à sociedade, inventando uma maneira de existir e de se expressar. Trata-se de traçar um mapeamento dos problemas tocados pelo rock, dentro da ótica filosófica, para encontrar possíveis saídas, por meio da criação de conceitos. O objetivo é potencializar nos estudantes uma experiência filosófica, que ative a criação de pensamentos singulares. Uma maneira de despertar neles a capacidade de criar uma visão própria de si e do mundo. Um ensino de filosofia como algo próximo da realidade deles, que surge da experimentação do mundo e da vida. Algo possibilitado pelo encontro entre o pensamento filosófico e a música, para construir uma postura crítica e criativa diante da própria existência.

Palavras-chave: Conceito. Ensino. Filosofia. Pensamento. Rock'n'roll.

Abstract: The present article consists in the possibility of thinking about the exercise of philosophy teaching as a philosophical experimentation, as an activity that runs through life itself, in the construction of existence and in the way of intervening in social issues. A possibility of teaching philosophy elaborated within a transversal dimension, establishing a connecting relationship between philosophy and music. Two activities that complement and empower each other to activate the production of new thoughts. Approach that will move

through the philosophical construction of Deleuze and Guattari, which constitutes philosophy as the art of creating concepts, provoked from the confrontation of problems. Philosophical perspective in connection with music, specifically rock'n'roll, seeking to resonate the full power of touching the social and existential issues that this music genre is capable of. Since, rock has the ability to compose its own lifestyle, maintaining a critical and creative attitude towards society, inventing a way to exist and express itself. It is a matter of mapping the problems touched by rock, within the philosophical perspective, to find possible ways out through the creation of concepts. The goal is to empower students with a philosophical experience that activates the creation of unique thoughts. A way of awakening in them the ability to create their own vision of themselves and the world. A teaching of philosophy as something close to their reality, which arises from the experience of the world and life. Something made possible by the encounter between philosophical thought and music, to build a critical and creative posture in front of one's existence.

Keywords: Concept. Teaching. Philosophy. Thought. Rock'n'roll.

I. Filosofia: a criação conceitual

A Filosofia desde seu aparecimento, na antiguidade grega, até a sua atual operacionalidade, nos tempos contemporâneos, vem sendo definida e redefinida por inúmeros sentidos e por diferentes filósofos. Entre as várias definições destaca aquela elaborada pelos filósofos franceses Gilles Deleuze (1925-1995) e Félix Guattari (1930-1992), que em 1991, escreveram um livro que apresenta uma concepção de filosofia, que se tornou uma referência no cenário filosófico. Com o título *O que é a Filosofia?*, o livro é uma resposta a essa pergunta que tanto inquietou os pensadores, ao longo da história da filosofia. Para os filósofos franceses, tal questão só poderia ser respondida na velhice, após uma extensa experiência filosófica. Pois, antes ela estava presente de “maneira muito indireta ou oblíqua, demasiadamente artificial, abstrata demais; expúnhamos a questão, mas dominando-a pela rama, sem deixar-nos engolir por ela” (DELEUZE & GUATTARI, 2010, p.07). Ou seja, essa questão sempre transitou de uma forma ou de outra pelo horizonte do pensamento dos dois filósofos.

A resposta ao que é filosofia está descrita logo nas primeiras páginas do livro. Uma resposta possível, segundo Deleuze e Guattari, a após uma experimentação-vida, algo construído ao longo de uma intensa atividade de pensamento. Para eles, “a filosofia é a arte de

formar, de inventar, de fabricar conceitos” (DELEUZE & GUATTARI, 2010, p.08). Complementa os autores: “Se há lugar e tempo para a criação de conceitos, a essa operação de criação sempre chamará filosofia, ou não distinguirá da filosofia, mesmo se lhe for dado um outro nome.” (DELEUZE & GUATTARI, 2010, p.15). Destacando que os conceitos criados pelo exercício filosófico são sempre *singulares*, *imanes*, emergidos da própria realidade. Condição que implica que filosofia não é nem *contemplação*, nem *reflexão* e nem *comunicação*, como foi definida e trabalhada por inúmeros filósofos ao decorrer da história. Pois, para Deleuze e Guattari (2010, p.13) “a contemplação, a reflexão e a comunicação não são disciplinas, mas máquinas de construir Universais em todas as disciplinas”.

Respondida à questão: o que é filosofia, ela enquanto criadora de conceitos, cabe agora demonstrar os contornos que constitui os componentes do conceito. Contornos porque o conceito não é *representação*, não é *definição* pronta e acabada de algo, tampouco ele é *universal*. Para Deleuze e Guattari, os componentes que contornam o conceito são: *assinatura*, *multiplicidade*, *problematicidade*, *historicidade*, *heterogênes*, *incorporal*, *absoluto/relativo*, não *discursivo* /não *proporcional*¹. Isto faz com que o conceito seja consequência de uma intensa atividade do pensamento que produz um acontecimento, criando um ponto de vista singular sobre a realidade, a partir de múltiplas conexões. Assim, a criação de conceitos implica uma intervenção e criação do mundo. Ou seja, eles são ferramentas que possibilitam o filósofo ter uma atitude de transformação ou de conservação do mundo. Lembrando que a produção de conceitos pode ser tanto a criação de algo novo ou o reaprendizado do vivido ou ainda ressignificação singular de uma experiência com o mundo, a partir de um plano de imanência.

¹ Em linhas gerais, *assinatura* implica que cada conceito é assinado por um filósofo que invente um estilo particular de pensar a realidade. A *multiplicidade* consiste no fato que o conceito não institui uma identidade única e universal, mas produz totalidades provisórias, um todo fragmentado, que possibilita novas criações. A *problematicidade* corresponde ao aspecto que todo o conceito é criado a partir de um problema. A *historicidade* diz respeito à condição que os conceitos não são criados do nada, mas do encontro com o que já foi pensado antes por outros filósofos. A *heterogênes* compreende que toda criação é singular, um ponto de vista particular sobre o mundo, dentre a multiplicidade de possibilidades, porém, isto não implica na construção de um sistema ou de respostas absolutas e acabada sobre a realidade. O *incorporal* consiste o conceito não é a coisa em si e nem se confundi com elas, mas compreende a intensidade, o acontecimento o sempre devir. *Absoluto/relativo* implica que absoluto em relação a si mesmo, relativo em relação ao seu contexto, ou seja, é o relativo quanto remete aos outros componentes, aos problemas aos quais se direciona e é absoluto quando condensa uma resposta ao problema. O não *discursivo*/ não *proporcional*, ao criar conceitos, eles são singularidades, tangenciamentos, transversalizações; ele é mais um operador, um agenciamento, algo que faz acontecer, faz produzir, a partir de algo vivido. Um estudo aprofundado desses componentes, ver DELEUZE e GUATTARI, 2010, pp. 23-43.

Outro aspecto presente na criação de conceitos é o personagem conceitual. Pois, cada filósofo cria um personagem, que se torna o sujeito da criação conceitual, uma espécie de heterônimo que se manifesta. Lembrando que essa manifestação acontece quando o filósofo mergulha no caos, traça um plano de imanência e nele intervém para a criação dos conceitos². Fato faz com que a concepção de filosofia seja composta por três instâncias que se relacionam: o plano de imanência, que a filosofia precisa *traçar*, os personagens filosóficos que ela precisa *inventar* e os conceitos que ela deve *criar*. Destaca-se que essa atividade filosófica implica no empenho de travar uma luta incessante contra *opinião (doxa)*. Ou seja, contra tudo que paralisa o pensamento e exclui a multiplicidade, em vista de respostas superficiais, acabadas e absolutas. Ato contrário à filosofia de Deleuze e Guattari, que produz conceitos, pensamentos, que quando criados suscitam a produção de outros novos conceitos e novos pensamentos, no exercício de um esforço sempre criativo.

É importante comentar que o ato de criação, em Deleuze e Guattari, não consiste numa atividade exclusiva da filosofia, mas ele está presente em outras atividades do pensamento, como por exemplo: a *Arte* e a *Ciência*. Dentro da especificidade que lhe cabe, cada uma produz pensamentos conforme sua experimentação. A ciência produz *funções*. A arte produz *afectos* e *perceptos*. A filosofia produz *conceitos*. São três abordagens que não se excluem, mas se complementam e para ativar a produção de pensamentos. Uma relação marcada pela perspectiva da transversalidade que, ao rasgar o firmamento e mergulhar no caos, cada uma, a seu modo, produz criações. Entendendo *transversalidade*³, como a condição de transitar pelas múltiplas áreas do conhecimento e estabelecer conexões. Ela consiste na atividade de manter as singularidades dessas áreas conectadas, com o intuito de expandir a ação criadora. Assim, não há espaço para dominação, submissão e muito menos a anulação de um saber sobre o outro e sim a possibilidade de um crescimento produtivo desses saberes.

Em Deleuze e Guattari, para que a atividade criativa da se concretize de fato, “a filosofia precisa de uma não-filosofia que a compreenda, ela precisa de uma compreensão

² Para Deleuze e Guattari (2010, p.52) “A filosofia é ao mesmo tempo criação de conceito e instauração do plano. O conceito é o começo da filosofia, mas o plano é a sua instauração”.

³ A concepção de *transversalidade*, destacado aqui, difere do conceito apresentado nos documentos norteadores das políticas educacionais brasileira, denominados de *temas transversais*. Cujas finalidades aproximam da tentativa de colocar em prática um processo interdisciplinar. Já a *transversalidade*, pensada numa ótica de Deleuze e Guattari, possibilita a filosofia atravessar diversas áreas do saber e ao mesmo tempo ser atravessada por elas, potencializando a produção de novos saberes.

não-filosófica, como a arte precisa de uma não-arte e a ciência precisa de uma não-ciência” (DELEUZE e GUATTARI, 2010, p.257). Somente assim é possível o exercício da produção de pensamentos, tanto na filosofia, como na arte e na ciência. Por conseguinte, essa não-filosofia se apresenta para o pensamento como um intercessor. Pois, para Deleuze (2013, p.160) “o essencial são os intercessores. A criação são os intercessores”. Destacando que os intercessores podem ser pessoas, filósofos, artistas, cientista, coisas, fatos; como também, podem ser fictícios ou reais, animados ou inanimados. Contudo, é preciso fabricar os próprios intercessores, que terá como função fazer emergir a criação de conceitos e, mais ainda, sem ele não é possível haver pensamento. Em suma, o intercessor é uma potência criativa na produção de conceitos e pensamentos.

Enfim, a filosofia, enquanto produção de conceitos é caracterizada por uma geografia do pensamento. Precisamente, em Deleuze e Guattari, ela consiste em uma *Geofilosofia*, cujo papel é privilegiar espaços múltiplos em que o pensamento pode se situar e se deslocar. Mapeando acontecimentos, a *Geofilosofia* procura traçar planos de imanência, inventar personagens filosóficos e criar conceitos. Isto faz com que o ato de filosofar não implica na revelação do dado e nem é uma reflexão que explicita aquilo que está velado. A função da filosofia é a criação de conceitos potencializados a partir do enfrentamento dos problemas. Uma criação que não se constitui apenas no contato com outras filosofias – e sua história –, mas também na relação com outros intercessores, como a produção científica e artística. Assim, ao pensar em prática de ensino de filosofia, a partir da concepção de filosofia desses autores, ele não se restringe à interpretação, à reprodução, mas tende a possibilitar aos estudantes a produção dos próprios pensamentos, marcados pela diferença e pela singularidade.

II. Rock’n’roll: uma contestação provocativa da existência e um devir filosofia

A filosofia, em Deleuze e Guattari, descrita como a arte de formar e criar conceitos, é algo possível a partir de uma experiência-vida. No entanto, eles são produzidos a partir do encontro com a não-filosofia, que se apresenta como intercessor que ativa e provoca a capacidade criativa. Para a discussão da temática sobre o ensino de filosofia, a proposta é

fazer do rock'n'roll um intercessor. Pois, mais que um gênero musical, ele é capaz de inventar um estilo próprio, uma maneira autêntica, jovial e radical de tocar os problemas, deixando os próprios rastros e os ecos de uma transformação do mundo. Tendo em vista, que o rock é a composição de um estilo de vida, que mantém por um lado, a atitude *crítica* frente à sociedade, na contestação das regras e dos sistemas políticos. Por outro lado, ele tem a capacidade *criativa* para inventar uma maneira de ser e compor uma expressão estética para a existência. Isto faz com que o rock atinja o *status* de uma “filosofia de vida” e um potencializador de pensamentos. Em termos de Deleuze e Guattari, ele pode ser considerado também uma experimentação-vida.

A inspiração para o uso do rock como intercessora filosofia está num comentário descrito pelo próprio Deleuze, que ao falar sobre a prática da docência, afirma: “Um curso é uma espécie de *Sprechgesang* [canto falado], mais próximo da música que do teatro. Nada se opõe em princípio a que um curso seja um pouco até como um concerto de rock” (DELEUZE, 2013, p.178). No entanto, o filósofo francês nunca escreveu nada sobre esse gênero musical⁴, mas é possível pensar a relação entre a filosofia deleuziana e o rock, a partir de uma declaração do filósofo, quando descreve: “A história da filosofia deve não redizer o que disse um filósofo, mas dizer o que ele subentendia necessariamente, o que ele não disse e, no entanto, estava presente no que ele disse” (apud. SCHÖPKE, 2012, p.11). Ou seja, implica a tentativa criativa de escrever sobre filosofia e rock, algo que ele não disse, mas está potencialmente subentendida em sua obra, enquanto uma maneira de encontrar elementos no rock que produz ressonâncias filosóficas, criando no estudante uma experiência do pensamento capaz de inventar conceitos.

A emergência do rock aparece como grande evento na sociedade nos meados do século XX. Ele surge do encontro com a multiplicidade de diversos gêneros musicais, tais como Blues, Rhythm and blues (R&B), Country, Gospel, acompanhado das vivências práticas inseridas na realidade. Uma sonoridade que entoa a emergência de um modo de pensar e de agir,

⁴ O mais próximo do rock está no fato de que Deleuze foi “convidado pelo ex-aluno e amigo, o roqueiro Richard Pinhas, da banda *Heldon* a participar da gravação de um quarenta e cinco rotações, intitulado “O andarilho” (LINS, 2017, 241). Enquanto ele cita um texto de Nietzsche, da obra *Humano demasiado humano*, VIII, o aforismo 638, a banda *Heldon* toca a música. *Heldon* é uma banda de rock eletrônica francesa criada em 1974. Com a participação de Deleuze, gravou a música *Ouais, marchais, mieuxqu'en 68 (Ex: Le voyageur)*.

que compõe a própria existência. Assim, a história do Rock⁵ é marcada pela composição de diversos estilos musicais que perpassaram por ciclos. Num primeiro momento esses ciclos aparecem no âmbito de uma *formulação*, em que se destacam a forma e a configuração deles. Posteriormente o foco é sobre a *incorporação*, que consiste no fato de que os artistas nutrem os elementos constituintes da sua realidade para compor um estilo. Desse modo, cada estilo surge (enquanto formulação) num universo específico de cada músico (nível regional incorporado por ele), sendo desconhecidos a princípio do público geral até a explosão para a totalidade, tornando-o conhecido.

Nesta perspectiva, o rock é marcado por múltiplas composições, que se diferenciam e, por vezes, se contradizem entre si⁶. Condição que evidencia a multiplicidade do rock, num percurso histórico marcado pela diferença. Pois, o rock, emerge na *cultura negra* que encontra-se com *acultura branca*; se consolida no *rock clássico*; expande pelo mundo através da *invasão inglesa*; cria uma atmosfera “conceitual” com o *rock progressivo*; trilha o tom sombrio do *hard rock*; adquire o peso do *heavy metal*; abraça a poesia de protesto do *folk rock*; radicaliza na liberdade do *Punk-rock*; adere ao som contemporâneo do *new wave*; e, ainda, em cada canto cria *diversos* subgêneros que marcam o rock até hoje. Ao pensar a conexão coma filosofia, o rock terá a mesma abordagem apresentada por Bill Flanagan (1986, p.23). Para ele o rock é todo o conjunto de subdivisões criadas ao longo da história que compõem esse estilo de fazer música. Essa multiplicidade das subdivisões do rock, marcando o aspecto diferencial desse estilo musical, que será explorado no desenvolvimento do exercício de ensino de filosofia.

O rock caracterizado por essa composição polimórfica de estilos e gêneros, extrapolou as fronteiras que o delimitava como apenas um gênero musical. Pois, “Nem estilístico nem apenas social, o rock é processo falante, melódico, em todo caso, testemunha ocular da parte obscura do poder político e social (LINS, 2017, p.251), o que levou a

⁵ Para um maior aprofundamento sobre a história do Rock e a influência social que esse gênero musical proporcionou, conferir FRIEDLANDER, P. *Rock and Roll: Uma História Social*, 2012. A obra traz a narrativa histórica do rock desde o encontro com o “*blues*” até aparecimento do subgênero do rock denominado “*newwave*” nos anos 1980.

⁶ O rock contém em si inúmeros estilos: “escala pentatônica do *Blues*, improvisação do *jazz*, marcação insistente das marchas militares, sutilezas rítmicas da rumba e do baião, a meliosidade da canção italiana, sequencias harmônicas de compositores eruditos diversos como Beethoven e Bebusy, efeitos sonoros acústicos ou eletrônicos da música de vanguarda, percussão africana, instrumentos típicos de países como Índia e Japão...” (MUGNAINI, 2007, p.09).

desempenhar “um papel singular nas transformações políticas do século vinte” (NANCY, 2017, p.560). Também “(...) cabe ressaltar que o rock é contemporâneo da transformação filosófica ocorrida em meados do século vinte” (NANCY, 2017, p.559). Condição que implica que por um lado, o rock foi tomado por uma forte interferência do pensamento filosófico que culminou na influência sobre as composições das letras das músicas. Por outro lado, a cena do “rock não cessa de constituir um fenômeno filosófico” (NANCY, 2017, p.557), criando uma maneira singular que construir uma forma própria de pensar, de compreender o mundo, de questionar e propor novos valores.

No livro *Bob Dylan: a liberdade que canta*, Daniel Lins (2017, pp.251-259) cita algumas bandas de rock, que trazem músicas em que é possível perceber uma relação com o pensamento filosófico. Por exemplo, *Beach Boys* em *Good Vibrations* (1966), que contempla o pensamento empirista de David Hume. Jacques Derrida e a filosofia da desconstrução são visíveis na banda *Eagles*, com *Hotel Califórnia* (1976). A banda de pós-punk-rock *Scritti Politti* (1977), cujo nome é inspirado em Antônio Gramsci na obra “Escritos Políticos” (em italiano *Scritti politici*), e traz em suas composições referências diretas e indiretas a Karl Marx, Mikhail Bakunin, Jacques Derrida, Gilles Deleuze e Jacques Lacan. Também a banda de punk-rock *The Clash*, no álbum *Complete control* (1977) aproxima do pensamento de Michel Foucault e Gilles Deleuze. Na mesma esteira do punk, a banda *Sex Pistols*, no álbum *Never Mind the bollocks, Here's the Sex Pistols* (1977), faz uma lúcida crítica anarquista à sociedade. Sem deixar de mencionar o clássico *The Wall*, da banda Pink Floyd, que faz uma crítica aos modelos de educação instituídos, com a música *Another Brick in the Wall*. São muitas referências em que possíveis perceber uma influência da filosofia⁷ no rock e que, por sua vez, faz com que a música potencialize um modo de pensar crítico e criativo.

Pensar o rock como intercessor da filosofia, no exercício do seu ensino, é possível porque ele consistem em estilo musical interventivo e criativo. Polêmico, autêntico, o rock traz, com acordes e letras, uma visão crítica da constituição da sociedade; um expoente das crises

⁷ Além do artigo citado anteriormente de Jean-Luc Nancy, com o título: *A cena mundial do rock*, que aborda o contato da filosofia com o rock. Há também o livro, em francês, *Rock'n Philo*, apresentado em dois volumes, do filósofo e músico Francis Métivier, que explora canções de rock com conteúdo filosófico. A obra *Almanaque do Rock e Filosofia: Ídolos que fizeram história*, que discute características do rock com a filosofia, do autor Antero Leivas. Um livro interessante produzido na Universidade Federal do Pampa, campus de São Borja, com o título *Sociologia do Rock*, organizado por Cesar Beras e Gabriel Sausen, que embora discutem o rock na perspectiva das ciências sociais (sociologia), há uma exploração do pensamento de Deleuze para pensar o rock, este pensado como linha de fuga, tema caro ao pensamento deleuziano.

existenciais da condição humana; uma alternativa criativa para pensar em um mundo melhor. Pois, ele apresenta a fusão da música negra de resistência e protesto, com influências europeias que ultrapassaram as diferenças raciais e sociais, além de mergulhar em outros ritmos espalhados pelo mundo. Isto faz com que o rock mantenha sempre um enfrentamento político, que surge no pós-guerra, na crítica a visão conservadora da guerra fria, dos embates rigorosos contra os códigos morais e sexuais, até os desafios vigentes na atualidade. Com letras que ecoam mensagens, implícitas e explícitas, relatos, símbolos de rebeldia, de mudança social e sentimentos ou de intenso exercício estético. Isto fez com que o rock fosse se inventando a cada época⁸; com um estilo próprio, estabeleciam uma atitude de desafio ao *status quo*.

É importante destacar que a composição do rock enquanto gênero musical é marcada por duas grandes tensões. A primeira tensão consiste no fato de que o rock estabeleceu, ao longo de sua história, uma crítica e uma ruptura em relação a certos tipos de padrões comportamentais. Nota-se, que ao criticar de maneira radical determinada postura comportamental, o rock acaba por padronizar um outro tipo de comportamento, que em seguida é rompido pela emergência de uma nova atitude de viver, criada por outro subgênero do rock. Assim, a história do rock é composta por num movimento sucessivo de ruptura e criação. A segunda tensão é referente à relação com a indústria fonográfica em que o rock ora é capturado pelo sistema capitalista e segue seus interesses, ora ele busca romper com as estruturas impostas pelo mercado, buscando outras saídas. Ou seja, o rock sempre ficou tensionado entre ser uma produção cultural, que se constitui numa atitude de ser e agir, como também produção mercadológica, que alimenta o capitalismo e, por vezes, o critica radicalmente.

Por menor, a primeira tensão coloca em cena a condição de que o rock sempre teve um forte impacto sobre a sociedade, influenciando a vida diária, o comportamento social, a moda por várias gerações. Há de se ressaltar que, em certas circunstâncias, o rock exagerou, levando a vida ao volume máximo de sua potência, ao ponto de até destruí-la. Embora

⁸ No Brasil o rock ganha uma dimensão própria, passa pelo enfrentamento da ditadura e ganha espaço na abertura da democratização nos anos 80. O apogeu desse estilo ficou caracterizado e denominado de BRock pelo jornalista Arthur Dapieve, presente no livro *Brock: o rock brasileiro dos anos 80* (1995).

estigmatizado por determinados rótulos⁹, muitos roqueiros se mantêm sensíveis às questões humanas, filosóficas e históricas. Tanto queos amantes desse estilo se sentem convocados a combater toda opressão, como também motivados a inventar a si mesmo. Pois, trazem letras de profunda espiritualidade de transformação pessoal e social. Por exemplo, segundo Leivas (2013, p.85), cantores que levaram sua voz com um canto contra a guerra do Vietnã, Bob Dylan, Woody Guthrie, Joan Baez, Crosby, Stills, Nash & Young e John Lennon; outros contra o racismo, como Biko de Peter Gabriel; também protestaram contra a guerra civil e a violência, com U2 em seu *Sunday Bloody Sunday* e Crosby, Stills, Nash & Young, com *Ohio*, entre outros.

Com relação à segunda tensão entre romper ou ser capturado pelo capitalismo, o rock, de certa forma, soube tirar proveito dessa situação, usando seu caráter contestador para debater grandes temas como política, economia, e justiça social. O caminho para essa contestação foi a criação dos *megashows* que ligaram causas sociais a grandes eventos. Como, por exemplo, os festivais contra a pobreza no mundo, denominados de *Live Aid*, *Band Aid*, *Farm Aid* (LEIVAS, 2013, p. 85). O objetivo foi levantar fundos para causas humanitárias e incendiaram debates referentes aos grandes problemas da atualidade. Ações que além de angariar recursos, mostraram ao público a voz e o posicionamento dos astros de rock. Mesmo sofrendo uma intervenção das gravadoras, tentando limitar o engajamento dos músicos, a presença do rock nos debates nas grandes questões da humanidade, não cessaram; pelo contrário, o envolvimento dos músicos levou aos seus fãs a importância da conscientização e do engajamento nessas questões estimulando o debate, a reflexão e a ação.

Essas duas tensões presentes na composição do rock sintetizam o choque de culturas e o aparecimento de uma denominada *cultura jovem*, até então inexistente na história. Algo que surge eminentemente após a segunda guerra mundial e vai se metamorfoseando constantemente em diversos formatos no decorrer dos tempos. Para o filósofo francês Jean-Luc Nancy (2017, p.564): “(...) o rock é um fenômeno que nasceu na mesma época da chamada cultura de massa. Ele resulta de uma conjunção entre a contracultura e a cultura de massa e consiste, ao mesmo tempo, na afirmação de uma cultura jovem, distinta e específica”.

⁹ Por exemplo, o rock é associado a um estilo de vida exclusivamente de sexo, drogas, de comportamentos extremos, satânicos, com aparência estranha e bizarra. Não que o rock deixe de tocar nesses temas, porém, esquecem o potencial transformador alternativo que o rock pode alcançar, criando um modo autêntico de ser e agir.

Fato que faz do rock, com letras, músicas, ritmos e as atitudes dos artistas um elemento de ressonância produtivo de significados e signos, na tensão entre rebeldia, modismo e alternativas, que compõem o tom nos meados do século XX até os dias atuais. Mostrando, também, que o rock teve sempre uma dimensão de engajamento nas questões sociais e não teve medo de tomar posições públicas sobre elas.

Outra característica que marca a cena do rock é o fato dele ser um gênero musicaldo movimento. Condição que provoca um deslocamento de uma situação convencional, abalando as estruturas do conformismo, para abrir espaço para a transformação da realidade. Essa potencialidade do movimento no rock pode ter duas dimensões: a corpórea e a cognitiva. A primeira dimensão o movimento provoca reações de sentidos, vibrações e êxtase no corpo, manifestação expressada pela dança: “Por isso, dançar é fundamental. Se não houver reação corpórea ‘quente’ não há rock” (CHACON, 1985, p. 06). Também o próprio ato de cantar é uma expressão corpórea. A segunda dimensão implica que o rock, direta ou indiretamente, porta um movimento de acessibilidade intelectual, cujo resultado consiste “numa resposta emocional de um tipo desejado” (LEIVAS, 2013, p. 84). São duas dimensões do movimento indissociáveis, pois: “Filosoficamente perspicaz e ritmicamente badalado, o rock ‘n’ roll torna-se esteticamente satisfatória e uma maneira que integra corpo e intelecto” (LEIVAS, 2013, p.109).

O foco do aprender filosofia, a partir do rock, consiste em um ato de criação e não uma mera interpretação das músicas. Ou seja, ao ouvir uma música não implica na tentativa de decifrar que o compositor quer revelar com a letra. Mas ela possibilita uma experiência singular, que resulta no exercício de criação de si e do mundo. Desse modo, a música se encontra na instantaneidade do presente “ouvir-se”, pela qual se é afetado. Condição faz com que o rock produza, segundo Nancy (2017, p.564), uma espécie de devir-sujeito. Não no sentido da subjetividade presente na modernidade, mas “essa música, o conjunto desse fenômeno de costumes, comporta-se como um sujeito, como a confecção ou a construção de um sujeito que se põe tal qual agora, presente, que se ouve e se faz ouvir” (NANCY, 2017, p.564). complementa o autor: “O que acontece com o rock – que é, ao mesmo tempo, afirmação de si, afirmação de um sujeito, de uma música como sujeito, e que passa pelo fenômeno da geração, da relação sala-palco, da relação de identificação ao grupo etc.” (NANCY, 2017, p.565).

O rock é marcado pelo *afeto* (*pathos*), por aquilo que suspira e provoca nos seus ouvintes¹⁰. Pois elesurgiu, nos meados do século XX, num contexto de mundo necessitado à procura de sentido. “Não mais como aquelas outras músicas que surgiam para completar, retomar e rearranjar sistemas de sentidos já dados, todavia, inversamente, como uma música que repõe, em sua amplitude, a questão dos sentidos” (NANCY, 2017, p.566). Isto faz do rock não uma perspectiva racionalista, mas uma sensibilização que provoca, questiona e produz a criação de novos sentidos para o tempo presente. No entanto, segundo Nancy, esses sentidos não são da ordem da significação, mas da energia, da força. “Nessa comunicação de energia, mais que uma transmissão de formas significantes, essa espécie de “dessignificação” em prol de um sentido é, sobretudo, comunicação de uma sensibilidade que chega a escoriar a própria sensibilidade ordinária”. (NANCY, 2017, p.568). Trata-se de uma comunicação de energia, que potencializa uma força para refazer a si mesmo e o mundo.

Nesta perspectiva, “o rock é muito mais do que um tipo de música: ele se tornou uma maneira de ser, uma ótica da realidade, uma forma de comportamento” (CHACON, 1985, p. 09). Condição que caracteriza o rock como um *devirfilosofia*, em termos deleuziano. Visto que, Deleuze (1998, p.10) destaca que o devir não é um fenômeno de imitação, nem o fazer como, nem mesmo se conformar a um modelo. Em *O Vocábulo de Deleuze*, Zourabichvili (2004, p.24) descreve que o “devir é o conteúdo próprio do desejo (máquinas desejanças ou agenciamentos): desejar é passar por devires”¹¹. Assim, o devir é uma espécie de linha de fuga que potencializa a condição de se tornar uma outra coisa, uma nova maneira de viver, sentir e pensar. Nesse sentido, o rock é um devir filosofia porque tem por potencialidade proporcionar uma *experiência do pensamento*, que consiste na produção de um pensar por si mesmo, na criação de conceitos, para justamente tornar-se “uma maneira de ser, uma ótica da realidade, uma forma de comportamento”.

¹⁰ Jean-Luc Nancy (2017, p.566) cita o trecho da entrevista de Pete Townshend, guitarrista do *The Who*, à revista *Rolling Stone*, que destaca ser o mais importante na música rock é o *efeito* que ela produz nas pessoas, independente da época e o que elas falam. Para Pete Townshend é como colocar as músicas numa arma e atirar e nesse processo o que importa, diz ele: “é a puta explosão que elas provocam no momento em que se saca a arma. É o acontecimento. Isso é o rock’n’roll. E é por isso que ele é presente. É uma força única”.

¹¹ Para Zourabichvili (2004, pp.24-25) “todo devir forma um ‘bloco’, em outras palavras, o encontro ou a relação de dois termos heterogêneos que se “desterritorializam” mutuamente. Não se abandona o que se é para devir outra coisa (imitação, identificação), mas uma outra forma de viver e de sentir assombra ou se envolve na nossa e a ‘faz fugir”.

III. Rock e ensino de filosofia: uma experimentação filosófica

O encontro entre filosofia e rock no cenário educacional, pode tornar-se um instrumento importante para pensar novas ressonâncias para a prática do ensino de filosofia. Porém, é preciso evitar o risco de fazer do rock apenas uma mera trilha sonora que expõe os conteúdos filosóficos, caracterizando-o como um simples facilitador didático para a aprendizagem. Mas sim, olhar para o rock como um instrumento potencializador na produção de novos pensamentos, encontrando nele um dispositivo provocativo que desperta a capacidade inventiva no aprender filosofia. Assim, o encontro dessas duas potências tem como perspectiva de atuação, provocar novos modos de pensamentos, que possibilitam transformações. Ou seja, suscitar nos jovens uma intervenção social, percebendo que tantos filósofos e roqueiros estavam sempre conectados a realidade, mantendo uma postura crítica à ordem vigente, por vezes, controladora e repressora da liberdade. Situação que lhes inspiravam a criação de textos profundos e letras belíssimas que instauram alternativas diversificadas de ser e agir.

Ao utilizaro rock como intercessor da filosofia na produção de pensamentos é precisoprimeiro destacar como Deleuze concebe o pensamento. Pois, para ele o pensamento não é algo natural einato, mas “(...) forçado por encontros intensivos ou por forças que se apoderam do pensamento” (LA SALVIA, 2016, p.37). Precisamente, esse encontro intensivo é forçado porsignos e provocado porproblemas. No caso dos *signos*, Deleuze (2003, p.04) afirma que eles são específicos e constituem a matéria desse ou daquele mundo e o aprender está associado diretamente a eles. Isto porque o encontro com os signos é algo que violenta o pensamento, no sentido de ser afetado por algo externo, que provoca uma ruptura com certa passividade, forçando a pensar. Assim, “O ato de pensar não decorre de uma simples possibilidade natural; é, ao contrário, a única criação verdadeira. A criação é a gênese do ato de pensar no próprio pensamento” (DELEUZE, 2003, p.91). Em suma, o pensamento precisa ser afetado por uma força externa que o mobiliza a pensar e isto explica porque ele não é natural.

É importante destacar que essa força que faz pensar exige uma interrogação, o que implica na problematização. Em *Diferença e Repetição*, Deleuze (2018) descreve o problema como motor da criação de pensamentos, em que ele é sempre singular e possibilitado por algo

de fora. Destaca ainda, que cada um tem “o direito aos próprios problemas” e o poder de inventá-los, criando saídas para eles, por meio dos pensamentos¹². Nesse sentido, o rock é esse fora, essa força intensiva composta por *signos* e *problemas* capaz de provocar pensamentos e levar a uma experiência filosófica. Pois, mesmo, com o passar do tempo, ele continua e continuará a se reinventar na multiplicidade de formas e estilos. Mantendo sempre uma dissonância e um inconformismo diante de uma sociedade normativa e repressora da liberdade. Uma atitude de manifestações sonoras para encantar, chocar, surpreender e transformar a vida.

Nesta perspectiva, o ensino de filosofia trilhará a sonoridade do campo problemático, na capacidade de aprendizagem a partir de aspectos singulares entre textos filosóficos e letras de música do rock. Uma singularidade possível quando ao ouvir uma música, atento a sua letra, procura ouvi-la numa perspectiva problematizadora, algo que força a pensar o novo. Ou melhor, é deixar levar pela tensão provocativa que o som afeta no ouvinte, cuja potência faz romper com o conformismo que impede o pensamento de propor mudanças, e, também, com a estagnação de comportamentos inibidores do agir segundo os próprios desejos. Destaca-se que as letras das músicas são como *signos*, no sentido deleuziano do termo, se apresentando como componente para a aprendizagem. Noutras palavras a música, enquanto signo, provoca um encontro intensivo que possibilita e força a pensar. Desse modo, no aprender filosofia a música (letra/som) é um signo e ao ser afetado por ela instaura a experiência da problematização, que desperta nos estudantes a potencialidade do pensamento inventivo.

No debatesobre o ensino de filosofia, há inúmeras abordagens quanto a sua aplicação curricular. No entanto, três se destacam com certa relevância no cenário educacional¹³, a saber: A) A abordagem *histórica*, que corresponde ao ensino de filosofia que mantém uma organização didática desenvolvida por conteúdos, que seguem uma ordem linear cronológica. Ou seja, trata-se da investigação de conteúdos que se iniciam na antiguidade grega, passando pelo período medieval e moderno, culminando com o pensamento filosófico

¹² “Para pensar, é preciso ser forçado por um fora que cria um campo problemático no qual se cria respostas” (LA SALVIA, 2016, p.43).

¹³ Conferir, GALLO, S. *Filosofia a Vista*. Revista Educação, Editora Segmento, 2006, Ano X nº 116 pp.34-44.

contemporâneo¹⁴. B) A abordagem *temática* que compreende ensinar filosofia a partir da escolha de temas existenciais, que discutam conceitualmente assuntos do cotidiano e que foram elaborados pelos filósofos. Com a finalidade de proporcionar nos estudantes uma aproximação maior com o saber filosófico¹⁵. C) A abordagem *problemática*, que consiste na elaboração do ensino de filosofia que se ocupa com a produção de conceitos. Tendo em vista o fato da condição que mobiliza a criação conceitual, na filosofia, é justamente o problema¹⁶.

Ao pensar a filosofia, na perspectiva da criação de pensamentos conceituais, produzidos a partir da problematização, faz com que a proposta de construção de uma prática do ensino de filosofia tenha como foco o problema. No entanto, é possível e um risco, partir do enfrentamento do problema, desvinculado da abordagem *histórica* e *temática*. Pois, juntas elas compõem os elementos necessários para elaboração de um pensamento conceitual. Visto que é possível estabelecer uma conexão entre elas que possibilita um exercício de diferença e multiplicidade, explorando a singularidade de cada uma delas. Desse modo, ao propor uma experiência filosófica, como criação de conceitos, se realizará através de *temas* diretamente ligados a vida dos estudantes, ao contexto que vivem e que precisam ser *problematizados*; dentro de uma abordagem *histórica*, não no sentido de transmissão de conteúdo, mas como a análise investigativa dos acontecimentos ocorridos, para encontrar subsídios filosóficos necessários e poder repensá-los a partir dos desafios do tempo presente.

Destaca-se que para Deleuze o problema não é da ordem exclusiva do raciocínio e sim da experiência da sensibilidade. Ou seja, ele tem a função de afetar sensivelmente o filósofo e o forçar a pensar, criando conceitos. Noutras palavras, é justamente por ser afetado pelos problemas e os enfrentando que o pensamento filosófico surge. Assim sendo, a filosofia pode encontrar no rock a *sensibilização* necessária para deixar-se ser tocado pelos *problemas*,

¹⁴ A prática didática de um modo de aprendizagem somente histórica corre o risco de caracterizar o ensino de filosofia como algo extremamente conteudista, uma mera transmissão de saberes, desvinculada da realidade presente. A consequência seria o acúmulo excessivo de ideias, conceitos, datas e sistemas filosóficos que os estudantes teriam que dominar e compreender. Condição que resumiria o ensino de filosofia apenas como interpretação, reflexão do que já foi pensado. Fato que distanciará esse saber da realidade dos estudantes, causando um total desinteresse e uma perda de sentido em aprender filosofia para eles.

¹⁵ Adotar a perspectiva exclusivamente *temática* na constituição de ensino, pode limitar o aprender filosofia à reprodução dos saberes já instituídos pelos filósofos, não havendo espaço para que o estudante faça o exercício de produção de novos saberes. Condição que limitaria o ensino de filosofia a uma reflexão sobre o pensamento dado e não a criação de novos modos de pensar.

¹⁶ O risco nesse tipo de tendência, de impor problemas aos estudantes em que nada têm a ver com a realidade deles e que não os sensibilizem para o ato de pensar. Ou a produção de pensamentos que não sejam conceituais, figurando como uma mera opinião (*doxa*) dos fatos, quando não busca as ferramentas necessárias, na filosofia, para a produção conceitual.

que despertam por meio das músicas e das atitudes dos roqueiros, para assim, diante deles criar saídas, por meio da criação de pensamentos conceituais. Na prática, ao adotar esse percurso didático, para o ensino de filosofia, consiste em sensibilizar os estudantes, através da sonoridade do rock, temas existenciais passíveis de problematização. Uma tentativa de propor uma experiência filosófica, cuja funcionalidade é em encontrar subsídios, na história da filosofia, soluções para esses problemas. Soluções que pode ser tanto na esfera individual, que afeta a própria existência, como na esfera coletiva, os desafios que cercam a sociedade.

A principal função para pensar em uma prática para o ensino de filosofia é a tentativa de propor uma experiência filosófica aos estudantes, algo que desperte neles a criação de pensamentos conceituais. Isto implica no empenho de fazer com que eles compreendam as ferramentas que a filosofia se apropria para construir um pensamento. O rock, nesse sentido, pode contribuir para essa experiência. Pois, mesmo que uma letra de música não seja estritamente um texto filosófico, isso não impede que ela possa ser analisada filosoficamente, devido aos problemas, as questões, o estilo de ser e agir que ela inspira e o poder enérgico de transformação social que suscita. Desse modo, ao ser sensibilizado pela música, o próximo passo é criar um trabalho filosófico investigativo sobre os pensamentos já elaborados na história, para que possa recriá-los ou criar outros pensamentos. Assim, rock e filosofia atuarão juntos para mobilizar os estudantes a pensar os próprios problemas, que estão no seu plano de imanência, para usar um termo de Deleuze, e dele poder criar conceitos.

O exercício de propor ao estudante um encontro entre filosofia e rock, tem como perspectiva fazer com que ele crie seu próprio estilo, uma atitude de resistência frente às práticas de controle, para que possa criar conceitos. Como afirmado anteriormente, ao fazer esse caminho, não excluí o estudante ter um entendimento sobre a história da filosofia de seus desdobramentos, pois não se cria um conceito, do vazio, do nada, mas de *encontros*. Um desses encontros é a própria música que traz no seu repertório diversas intervenções críticas e criativas sobre a realidade humana e social. Isto faz com que o rock manifeste uma sintonização com o ouvinte produzindo nele modos de pensar. Um estilo musical que faz com que experimente diversas características: emoção diante dos fatos, sensibilização frente aos temas problemáticos, a defesa de um ponto de vista sobre temáticas polêmicas. Tudo isso misturado com letras heterodoxas, riffs, batidas envolventes, sons

perturbadores, solos melódiosos, arranjos energéticos, provocando impacto transformador por meio da reflexão que leva a filosofia.

O exercício dessa experiência filosófica, na conexão com o rock, será traçado por dois percursos que se relacionam, na atividade criar pensamentos. O primeiro explorará o percurso do rock por ele mesmo, permitindo que o estudante seja afetado por esse estilo musical, para aquilo que ele potencializa enquanto produção criativa, crítica e os efeitos de transformação da realidade. O segundo percurso, consiste em possibilitar ao estudante as ferramentas necessárias para estabelecer um olhar filosófico para o rock, deslocando para o enfrentamento dos desafios que implicam na sua realidade presente. Assim, ao analisar a história do rock deve considerar, por um lado, as atitudes dos artistas¹⁷, a relação da música com a sociedade, os padrões e valores contemporâneos no contexto da época; além do poder de contestação e a capacidade de transformações sociais que ela promoveu. Por outro lado, proporcionar que cada ouvinte estudante tenha uma experiência própria com a música e encontre nela elementos necessários para pensar a própria condição existencial e seus desafios.

Nesta perspectiva, a música rock é recebida de forma intuitiva, contendo uma rica variedade de conhecimento e sentimento que está para além do pensamento lógico. Condição que produz no ouvinte estudante capacidade de analisar as músicas, quanto à qualidade e diferenciação em relação a outras músicas e gêneros. Tal como o contexto social que ela questiona e contesta, tanto por parte da música como das atitudes dos músicos, seja no palco ou fora deles. Fato implica em explorar a característica que sempre marcou o rock, enquanto um movimento criado pela força do desejo de mudança da juventude. Essa juventude que se mantém sempre no espírito de cada amante do rock, independentemente da idade cronológica. Porque, embora um estilo de rock seja dado num tempo e local, enfrentando os temas de sua época, ele se torna atemporal devido à intensidade e riqueza das respostas a estes temas, pois “as questões das relações raciais, a guerra, a sexualidade, as drogas, a ecologia, a fome puderam ser traduzidas finalmente para música. E para a filosofia, claro” (LEIVAS, 2013, p.91).

¹⁷ Especificamente o rock proporciona aos seus amantes a inquietação de buscar informações sobre a música e também sofre a história pessoal do artista.

Há um conhecimento proposto pelo rock, ao longo do tempo, presente nas letras das músicas; na estética visual dos shows, como nas artes ilustradas nas capas de discos; na elaboração de videoclipes; além da composição de trilhas sonoras para o cinema. Perspectiva que caracteriza o rock, desde sua emergência até a atualidade, com uma dimensão impactante sobre a sociedade, influenciando a vida, o comportamento social, as atitudes de inúmeras gerações. Quando o rock sintoniza com a filosofia, faz com que o jovem estudante seja tocado por uma novainstrumentalização para atuar na realidade. Pois, são dois instrumentos que propõem superar os desarranjos de certos comportamentos sociais que causam uma desarmonia entre a liberdade, o pensamento, o ser e o agir. Assim é possível uma harmonia entre filosofia e rock como instrumentos de resistência, na trilha sonora de um pensamento criativo e revolucionário, que tem como pauta a composição do novo, diante dos desafios da vida, da invenção de si mesmo e da transformação social.

Dentro dessa perspectiva, o ensino de filosofia, no encontro com o rock, implica em instaurar uma experiência singular que se diferencia em si mesmo num movimento contínuo de devires e multiplicidades. Visto que, por multiplicidade compreende os processos de movimento e de devir, na atividade de pensar a diversidade, a diferença e a variedade do mundo. Algo presente tanto na composição da história do rock e seus subgêneros como na filosofia na pluralidade de concepções filosóficas. Juntos, rock e filosofia revelam possibilidade de múltiplos olhares para as dimensões existenciais que abordam: cultura, ética, condição humana, arte, política, sociedade e entre outros. Tal perspectiva qualifica o rock como um dever filosofia, precisamente na composição de uma filosofia do movimento: “Filosoficamente perspicaz e ritmicamente badalado, o rock ‘n’ roll torna-se esteticamente satisfatória e uma maneira que integra corpo e intelecto. Grupos, como os Beatles, Grateful Dead, Metallica e U2, transitam entre movimento e filosofia. E a filosofia do movimento.” (LEIVAS, 2013, p.109).

Ao propor um ensino de filosofia, enquanto experimentação-vida, a partir do encontro entre filosofia e rock, não tem como objetivo, tornar os estudantes filósofos e nem roqueiros. Mas para que a partir do encontro dessas duas potências criadoras, os estudantes possam servir delas como instrumento para compor a produção dos próprios pensamentos, consolidando numa experimentação-filosófica. Trata-se de uma maneira jovial e radical de tocar os problemas e criar conceitos, deixando os próprios rastros pelo mundo, na arte de

viver e de se fazer artesão, um artífice de sua própria existência. Assim, a pretensão desse artigo consiste pensar em um ensino de filosofia, cuja prática implica no exercício da liberdade de pensamento comprometido com a própria constituição da vida e com a mudança da realidade através de ações sociais transformadoras. Perspectiva que faz com que o estudante seja o personagem da criação conceitual, a partir do plano de imanência que ele estabeleceu e nele traçar, inventar um estilo de pensar, de ser e de agir.

Por fim, o ensino de filosofia ao som do rock'n'roll implica em estabelecer um outro modo de ouvir música e de ser afetado por ela. Ou seja, não apenas no sentido de um entretenimento, de um som que produz uma pacificidade diante de um *status quo* excludente, limitador de possibilidades e oportunidade. Mas o ouvir o som enquanto problematizador, para que dele ressoe novas concepções de intervir na existência e criando novas perspectivas de vida. Exercitando a capacidade crítica no sentido de repensar as regras impostas, a desigualdade social (raça, gênero e econômica), a opressão da liberdade, a falta de perspectiva. No entanto, simultaneamente exercitar a dimensão criativa, no esforço de inovar com ações libertadoras, soluções autênticas para os problemas tanto existenciais como sociais. Tudo isso por meio de um som que toca a vida dos estudantes e faz pensar a política, a ética, as drogas, a sexualidade e outros temas propícios à juventude em que ela é convocada a expor o seu modo de pensar e agir e não simplesmente acatar uma decisão imposta pela sociedade.

Referências

BERAS, Cesar e SAUSEN, Gabriel F. (Orgs). *Sociologia do Rock*. Jundiaí: Paco Editorial: 2015.

CHACON, Paulo. *O que é rock*. São Paulo: Nova Cultural/Brasiliense, 1985.

DAPIEVE, Arthur. *Brock: o rock brasileiro dos anos 80*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

DELEUZE, Gilles. *Proust e os signos*. 2.ed. trad. Antonio Piquet e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

_____. *Conversações*. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 2013.

_____. *Diferença e repetição*. Trad. Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Felix, *O que é filosofia?* Trad. Bento Prado Jr. e Alberto A. Munoz. São Paulo: Editora 34, 2010.

DELEUZE, Gilles e PARNET, Claire. *Diálogos*. Trad. Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Editora Escuta, 1998.

FLANAGAN, Bill. *Dentro do Rock: o que eles pensam e como criaram suas músicas*. Trad. Márcia Serra. São Paulo: Editora Marco Zero, 1986.

FRIEDLANDER, Paul. *Rock, and Roll: Uma História Social*. Rio de Janeiro: Record, 2012

GALLO, Sílvio. *Filosofia a Vista*. **Revista Educação**, Editora Segmento, 2006, Ano X nº 116.

LA SALVIA, André Luis. *Problemas de uma pedagogia do conceito: pensando um ensino de filosofia*. Ed. Autoral: Rio de Janeiro, 2016.

LEIVAS, Antero. *Almanaque do Rock e Filosofia: Ídolos que fizeram história*: São Paulo: Discovery, 2013.

LINS, Daniel. *Bob Dylan: a liberdade que canta*. Goiânia: Edições Ricochete, 2017.

MÉTIVIER, Francis. *Rock'n Philo*. Paris: Editions J'ai lu, 2015.

MUGNAINI, Ayrtton. *Breve História do Rock*. São Paulo: Editora Claridade, 2007.

NANCY, Jean-Luc. *Posfácio: A cena mundial do rock*. In: LINS, Daniel. *Bob Dylan: a liberdade que canta*. Goiânia: Edições Ricochete, 2017.

SCHÖPKE, Regina. *Por uma filosofia da diferença: Gilles Deleuze, o pensador nômade*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

ZOURABICHVILI, François. *O vocabulário de Deleuze*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004.